

O USO DAS CHARGES COMO RECURSO VISUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

José Emerson Tavares de Macêdo¹

Resumo

Apresentaremos neste trabalho o uso da charge, como um dos recursos didático-pedagógico possível de ser utilizado em sala de aula no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Entendemos que a utilização deste recurso, possibilita que o aluno passe a entender a imagem como texto visual, atribuindo-lhe sentidos sociais e ideológicos. Assim, tentaremos estabelecer um diálogo entre os desenhos humorísticos e o contexto histórico. Acreditamos que esta é uma das possibilidades de tornar as aulas de História mais criativas, lúdicas e dinâmicas. É neste sentido que o nosso trabalho vem a contribuir com o Ensino de História.

Palavras-chave: Charges; Ensino de História; Humor.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma proposta do uso da charge, como valioso recurso didático-pedagógico possível de ser facilmente utilizado em sala de aula no decorrer do processo ensino-aprendizagem a partir do ensino fundamental até o superior. Tal atividade requer para a compreensão e interpretação da charge o domínio de um capital cultural a partir de sua realidade, possibilitando que o mesmo possa fazer inferências e que o aluno possa fazer a leitura de acordo com seu conhecimento de mundo.

O estudo pode servir como um facilitador da integração prática, como subsídio para os professores que tem como um dos grandes objetivos atuais é desconstruir a visão de que a História é “decoreba”.

A abordagem sobre as fontes visuais pode ir além do ambiente acadêmico e ganhar as salas de aula, oferecendo aos educadores uma diferente maneira de tratar a história no cotidiano escolar. No ensino de História, as charges, assim como todas as formas de iconografia, podem servir de recurso didático para conquistar a atenção dos alunos, tendo em vista que os alunos apresentam um alto déficit de leitura na modalidade verbal.

As imagens exercem um poderoso fascínio sobre as pessoas, possibilitando assim uma apropriação da leitura visual pelos professores a partir do viés cômico e satírico, especificamente se for usado como recurso didático no ensino. Sobretudo, o uso das charges e caricaturas em sala pode contribuir na construção do conhecimento,

¹ Mestrando em História pelo PPGH/UFCG – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Graduado em Licenciatura em História pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. <emersoncampina@hotmail.com>

através da representação de uma forma pouco convencional de se abordar os contextos históricos.

HUMOR

No mundo dominado pelo imperialismo das sensações quer sejam auditivas ou visuais, nos deparamos com textos visuais diluídos no cotidiano do espaço urbano a todo o momento. São textos não-verbais que despertam e chamam a atenção do leitor como os outdoors, cartazes, vídeos, cartuns, charges e caricaturas. Artefatos culturais ou produtos, chamados por Marc Ferro de “*imagem-objeto*”, que se integram ao mundo, comunicando. (1989, p. 87). Portanto, são instrumentos de disseminação da informação histórica e cultural, destinados a difundir a memória histórica.

As imagens nem sempre tiveram grande importância para a historiografia, pois durante muito tempo, elas eram consideradas como um elemento ilustrativo, não fundamental para a explicação da história. Segundo Ulpiano Bezerra de Menezes, o potencial cognitivo da imagem se dará a partir da História da Arte, no século XIX, também nesse mesmo século, a Antropologia Visual e a Sociologia Visual, seguindo as trilhas abertas pela História da Arte, vão se encaminhando no sentido da percepção das iconografias e seu potencial cognitivo. Menezes (2003, p.12) afirma que,

Na antiguidade e na Idade Média não há traços de usos cognitivos da imagem, sistemáticos consistentes. Ao contrário, dominava o valor afetivo, envolvendo não só relações de subjetividade, mas, sobretudo a autoridade intrínseca da imagem. Autoridade independente do conhecimento, mas derivada do poder que atribuía efeito ao próprio objeto visual. O primeiro campo do conhecimento em que se terá um reconhecimento sistemático do potencial sistemático do potencial cognitivo da imagem visual é a História da Arte, que se consolida no século XVIII – e não por acaso, já que se trata de seu objeto referencial específico.

Foi a partir da Escola dos Annales que a forma de pensar e fazer história mudou. As primeiras gerações dos Annales revolucionaram o conceito de documento histórico, a grande ênfase na utilização das imagens como fonte será dos Annales significou um desenvolvimento extraordinário de temas novos e um interesse marcante pelo emprego de novos tipos de fonte. Na terceira geração conhecida por Nova História (*Nouvelle Histoire*), houve uma sensível mudança na construção da História, onde várias fontes de pesquisa passaram a ser utilizadas pelos historiadores.

A partir de então, o historiador passou a abordar os mais diferentes temas, Segundo afirma Tétart (*apud* SOUZA, 2007, p.15): “A *Nova História* enriqueceu fundamentalmente a reflexão histórica: às outras ciências; inscrição do homem na globalidade de seu entorno natural, técnico, afetivo, simbólico, etc.”.

Para Burke (1992, p.11) “(...) a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana” e que “todo o material do passado é potencialmente admissível como evidência para a história”.

De acordo com as citações acima, o historiador passou a abordar os mais diferentes temas, já que a “*Nova História*” enriqueceu fundamentalmente a reflexão histórica. O historiador que emprega a imagem como fonte histórica precisa ver além da imagem, decifrar seus códigos, fazer uma leitura crítica. As imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas. Como afirma Pesavento (2004, p.86).

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente à realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.

A importância de se trabalhar com a produção humorística de um dado período, justifica-se principalmente aquelas que evidenciam as manobras do poder instituído. Nesse sentido podemos contribuir, quando ressaltamos o descaso que atinge a documentação visual enquanto fonte histórica na academia ou nos centros de estudo, mais habituados e afeitos a aceitar a palavra como única forma de expressão, impondo certo dogmatismo cultural.

Destacamos que a não aceitação desse tipo de leitura, deve-se a uma visão estereotipada do poder da iconografia humorística, ou seja, a suposta idéia de uma objetividade e transparência da arte caricatural, considerada sem importância e secundária para a análise das experiências culturais, sociais ou políticas de um povo. Parte do menosprezo ao estudo do humor visual deve-se ao tipo de concepção inserida no campo da criação artística. De acordo com Paiva (2002, p.19):

A iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas, ou imaginadas e ainda esculpidos, modelados, talhados, gravados em material fotográfico e cinematográfico. São registros com os quais os historiadores e os professores de História devem estabelecer um dialogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas.

Além da importância cultural, ideológica e social, as iconografias humorísticas registram, constroem fatos cotidianos através dos elementos risíveis, historiando os aqui e agora, os instante-tipo, que foram se sedimentando na memória popular, mas que através dos intelectuais do traço são reinventados e apropriados através das práticas sociais.

A CHARGE

O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, criticando um personagem ou fato específico. Segundo RABAÇA e BARBOSA, (1978, p. 89), *“a charge é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”*.

De acordo com estes autores, uma boa charge deve procurar um assunto atual e ir direto onde estão centradas a atenção e o interesse do público leitor. A construção da charge é também muitas vezes baseada na remissão a outros textos, verbais ou não. O que a torna singular é o modo perspicaz como demonstra sua capacidade de congrega, num jogo de polifonia e ambivalência, o verso e o reverso tematizado.

A charge é um tipo de texto atraente aos olhos do leitor; pois, a imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de uma só vez. A charge é *“uma fonte histórica das mais ricas, [...] é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada”*. PAIVA (2002, p.17). No entanto, o leitor do texto chárgico tem que estar bem informado acerca do tema abordado para que possa compreender e captar seu teor crítico. Afinal, ali está focalizada e sintetizada uma certa realidade. E somente os que conhecem essa realidade efetivamente entenderão a charge.

Ela pode ser definida como uma modalidade de linguagem iconográfica e que se caracteriza essencialmente por sua natureza dissertativa e ideológica, além de primar pela presença do humor com o propósito de denunciar, criticar e satirizar através do apelo ao exagero, também deve ser reconhecida em seu potencial como fonte histórica, capaz de contribuir para a reflexão sobre uma determinada época, pois expressa e transmite, assim como toda configuração visual, idéias, sentimentos, valores e informações a respeito de seu tempo e lugar, bem como de outros tempos e lugares.

A produção de uma charge está necessariamente vinculada ao contexto sócio-histórico imediato e, portanto, apresenta elementos concretos para análise do seu respectivo tempo histórico. A charge, como também pretendemos mostrar neste trabalho, é mais do que um instrumento ideológico a serviço de um ideal político; ela é, para além disso, uma importante fonte histórica capaz de fornecer elementos preciosos para reconstituir uma história, tomado como produto de um tempo e de um lugar sócio-histórico.

Se a História Cultural visa a atingir as representações, individuais e coletivas, que os homens constroem sobre o mundo, a História Cultural do Político difundiu-se, tendo como uma de suas preocupações centrais a definição de uma cultura política. A História Cultural trouxe novos aportes ao político, colocando questões renovadoras e sugerindo novos objetos, trazendo assim uma renovação do político. Essa história política renovada teve, a rigor, ainda muito a ver com as novas formas assumidas pelos movimentos políticos, fazendo uso da mídia e, cada vez mais, apostando na credibilidade obtida pelas imagens e pelos discursos.

A palavra iconografia pode ser traduzida literalmente como “*escrita da imagem*” e vem do grego eikon (imagem) e graphia (escrita). Pintura, desenho, gravura, fotografia, arquitetura, cinema, são exemplos de artes visuais. De acordo com Paiva (2002, p. 19)

A iconografia é tomada agora como registro histórico por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas, ou imaginadas e ainda esculpidos, modelos, talhados, gravados em material fotográfico e cinematográfico. São registros com os quais os historiadores e professores de História devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas.

A charge é um exemplo de linguagem iconográfica, ela vem acompanhada de textos ou palavras, uma vez que o elemento lingüístico se torna importante para explicitar a sua intencionalidade ou completar o sentido humorístico e político. Costumamos chamar de novas linguagens, diversos recursos e metodologias, atualmente, focos de debates em torno da renovação do ensino de História. São possibilidade de trabalhar com as linguagens iconográficas, sonoras, poéticas, literárias, humorísticas, dentre outras. Evidentemente que são linguagens diferenciadas, cada uma tem a marca da especificidade, porém, todas elas são representações, pois são, no dizer de Chartier (1989, p.29);

[...] configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diversos grupos, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição [...].

As representações são elaboradas pelos diversos grupos sociais, nada harmoniosas. São visões de mundo que se quer projeta no imaginário social, são produtos de conflitos e embates, por isso, contraditórias. Falando em linguagens diferentes, elas nada têm de imparcialidade ou inocência, pelo contrário, estão a serviço dos grupos que estão no poder e dos que querem um dia alcançá-lo, dos regimes políticos e ideológicos e das várias configurações identitárias.

A charge por ser um texto imagético, tem na sua capacidade levar informações não apenas aos “*assinantes*” de jornais, diante das novas linguagens que estão sendo trabalhada em sala de aula no caso de novas metodologias, a charge pode ser muito bem trabalhada por professores de história, pois as charges têm a capacidade de prender a atenção dos alunos.

Costumamos chamar de novas linguagens, diversos recursos e metodologias, atualmente, focos de debates em torno da renovação do ensino de História. São possibilidade de trabalhar com as linguagens iconográficas, sonoras, poéticas, literárias, humorísticas, dentre outras. Evidentemente que são linguagens diferenciadas, cada uma tem a marca da especificidade, porém, todas elas são representações.

ENSINO DE HISTÓRIA

Ao falarmos em construção do conhecimento histórico escolar, estamos considerando não só aquele tipo de conhecimento que o aluno traz para a escola, mas também aquele que é aperfeiçoado na mesma, formando o que chamamos de conhecimento histórico escolar. Segundo Bittencourt (2005, p.25) diz que;

O conhecimento histórico escolar é uma forma de saber que pressupõe um método científico no processo de transposição da ciência de referência para uma situação de ensino, permeando-se em sua reelaboração, com o conhecimento proveniente do ‘senso-comum’, de representações sociais de professores e alunos e que são redefinidos de forma dinâmica e contínua em sala de aula. ‘Nenhuma disciplina escolar é uma simples filha da ‘ciência-mãe’, adverti-nos Henri Moniot, e a história escolar não é apenas uma transposição da história acadêmica, mas constitui-se por intermédio de um processo no qual interferem o saber erudito, os valores contemporâneos, as práticas e os problemas sociais.

Portanto, o conhecimento histórico escolar compreende a soma de vários conhecimentos: o acadêmico, o popular e as vivências do cotidiano do aluno. Para desenvolvemos o conhecimento histórico, é necessário analisarmos como se desenvolve a consciência histórica humana. Circe Bittencourt, ainda, faz outra colocação sobre o ensino de História:

“O ensino de História pode possibilitar ao aluno ‘reconhecer a existência da história crítica e da história interiorizada’ e ‘a viver conscientemente as especificidades de cada uma delas’. O estudo de sociedades de outros tempos e lugares pode possibilitar a constituição da própria identidade coletiva na qual o cidadão comum está inserido, à medida que introduz o conhecimento sobre a dimensão do ‘outro’, de uma ‘outra sociedade’, ‘outros valores e mitos’, de diferentes momentos históricos. Identidade e diferença se complementam para a compreensão do que é ser cidadão e suas reais possibilidades de ação política e de autonomia intelectual no mundo da globalização, em sua capacidade de manter e gerar diferenças econômicas, sociais e culturais como as do nosso país. E, nessa perspectiva é preciso considerar o papel do professor na configuração do *currículo real*, ou *interativo*, que acontece na sala de aula, lembrando que ele é sujeito fundamental na transformação ou na continuidade do ensino da História.” (Idem. 27).

O ensino de História visa contribuir para a formação de um ‘cidadão crítico’ diante da sociedade em que vive. Ao estudar as sociedades passadas, a História contribui para que o aluno compreenda o tempo passado, e perceba-se como membro da sua sociedade, e portanto que possa contribuir para uma sociedade mais justa.

A UTILIZAÇÃO DA CHARGE NA SALA DE AULA

Uma das questões históricas e culturais atuais tem sido a forma como se registra a associação entre imagem, arte e História. Destacar a idéia de Menezes (2003) quando comenta: “*é significativo que alguns dos estudos que vem trabalhando no campo artístico produzam conhecimento histórico da melhor qualidade e, de fato historicizam as imagens, mas não tem a pretensão de fazer História Social da Arte*”. (2003, p.12), destacando que foi na virada da década de 1980 que eles deram não só uma convergência de várias abordagens.

Desse modo, as iconografias introduzidas no campo das pesquisas educacionais e historiográficas, possibilitam aos professores desvendar mundos desconhecidos. De certa forma, “*porque as temáticas associadas ao sentimento, paixões, subjetivo, e cotidiano, se identificavam com o indivíduo e sua vida privada, mas não eram considerados objetos relevantes para História*” (NEVES, 2003, 70).

A proposta da utilização da charge vem para conseguir unir conceitos, conteúdos e normas ao conhecimento de mundo do discente, para que dessa forma o aprendiz não seja passageiro, que se mantenha e evolua conforme as novas informações que o aluno for recebendo ao longo de sua formação acadêmica. A charge é aquela que une a imagem ao texto e às normas, fazendo com que o aluno consiga entender o que se passa, e não tenha que decorar ou repetir as normas e os padrões que estão sendo ensinados.

Ela deve ter uma ligação direta com o conteúdo que está sendo lecionado no momento, não se desviando do assunto em foco, isto é, o professor como orientador deste recurso, deve ter objetivos pedagógicos em relação à escolha do material a ser trabalhado, para que este não se perca durante o processo de compreensão e de interpretação, e assim consiga trocar informações sobre o conteúdo que está sendo passado. Essas escolhas devem ser encaradas tão significativas como se faz na escolha dos materiais didáticos que são levados pra sala de aula.

Ressaltamos a questão da “*transparência da imagem*”, quando o foco da atenção é direcionado para a representação interna do quadro, limitando-se a identificar tipos sociais, fatos caracterizados no traço. Assim, ressaltamos que não importa apenas identificar o que está representado, mas dar respostas, aos por quês, como o cronista do traço desenhou dessa forma, situando-o temporalmente dando respostas a partir do que está por traz do desenho. Segundo Souza (2004, p.254)

Além da contextualização, considerada em História uma questão essencial para não correr o risco de isolar o acontecimento, fato ou personagem. É preciso ter uma bagagem prévia e acumulada de conhecimentos, em termos de conteúdos. Essa é a função do professor, ter um conhecimento prévio, ou seja, fazer uso da sua bagagem cultural e histórica, trazendo a baila outras leituras para contextualizar o acontecimento. Dessa forma, o professor, enquanto mediador, transcende a configuração interna da dimensão visual, não se limitando a perceber apenas os indícios visuais ali representados.

Lançar mão deste recurso que é a charge em sala de aula é dar a chance de o aluno adentrar a outros universos, conhecer outros discursos, debater sobre sua realidade e ter novas maneiras de expressar uma opinião, estando atualizado com o que está acontecendo ao redor. Dessa forma, o trabalho a ser realizado pode ajudar a melhorar a qualidade das aulas, diminuir os índices de evasão e repetências entre os alunos, estimulando os professores a modificar sua prática pedagógica com o objetivo de modificar o papel passivo do aluno (mero receptor de conhecimentos) tornando-o um ser ativo e participativo podendo mudar a realidade na qual está inserido.

Destacamos algumas orientações da historiadora Maria Lindaci, quando autora orienta de forma pontual, o professor no uso das iconografias humorísticas como fonte histórica no ensino de história, Segundo Souza (2008, p. 91);

- O primeiro aspecto consiste na identificação do personagem caricaturado, uma vez que os cronistas do traço, quase sempre. Deixam entrever uma construção analógica tipificando os personagens;
- Além da identificação do caricaturado, exige-se, também, que o leitor faça a contextualização é determinante para que o leitor possa dar respostas ao contexto datado, ou seja, responder aos seguintes pontos: quem, como, por que e quando?
- Uma das dificuldades que se apresenta ao leitor é entender que a iconografia não é uma cópia do real, mas uma representação, ou seja, como transcender da representação para o contexto real, uma vez que o passado se apresenta cifrado, exigindo do leitor a leitura de códigos de outro tempo, que podem se mostrar, às vezes, incompreensíveis para o leitor. Daí ser imprescindível que o professor busque construir uma contextualização histórica do que está sendo satirizado ou colocado no universo do risível, pois, só assim, o aluno poderá identificar qual a dimensão satírica e/ ou cômica da representação humorística.
- Outra dificuldade que se apresenta, diz respeito às formas discursivas e imagéticas, pelas quais expressam o conteúdo do texto visual, ou seja, são traços, são indícios que se colocam no lugar do acontecido, que se substituem a ele, constituindo, assim, não apenas um mero conjunto de traços, formas e épocas que devem ser consideradas, mas a forma como essa realidade do passado é construída por meio de representações. A partir dessa percepção, o professor pode construir sua aula de modo a utilizar a iconografia humorística como construção interpretativa do que está sendo colocado na sala de aula.

Essas são as considerações da historiadora Lindaci, são aspectos que devem ser levados em consideração quando pretendemos fazer a apropriação do texto imagético. Lançamos a seguir duas charges que podem ser trabalhadas pelo professor de História em suas aulas, atentando para o conteúdo o momento histórico que ele se refere para que o professor não acabe misturando determinadas charges que apresenta tal conteúdo com outros assuntos sem nexos.

A nossa primeira charge é sobre a reforma agrária, além de o professor ter uma discussão atual, ele pode trabalhar com essa imagem abordando o conteúdo de Roma na Antiguidade Clássica, aqui lançamos um questionário para o aluno onde aluno deve fazer a leitura visual interligando com o assunto da reforma agrária. As questões são:

1. Façam uma descrição das charges, com o máximo de detalhamento possível.
2. Qual a importância das ilustrações e da escrita nas charges?
3. Qual o objetivo das charges para vocês?
4. Você considera as charges um texto? Explique.
5. O que você entendeu nessa charge?



Fig.01

Apresentamos uma próxima charge não para exercitar o alunado, mas como uma ferramenta de trabalho para o docente de História. Na figura 02, o professor vai discutir sobre o contexto do Governo Militar no Brasil (1964-1984), ou caso deseje na America.



Fig.02

Já apresentamos anteriormente alguns passos que o professor de História deve adotar quando se refere ao uso desta linguagem em sala de aula. Primeiramente fazer a leitura do cenário que compõe o quadro visual, posteriormente fazer a leitura da linguagem verbal, para que assim possa fazer a leitura e a interpretação da imagem como: contexto, do que trata, quem, como, por que e quando? Perguntas que geralmente são lançadas quando trabalhamos com esse tipo de linguagem.

Na figura 02, a charge abre uma discussão sobre as torturas causada pelos militares, repressão esta que servia ao olhar dos militares, para controlar e por o respeito ao regime militar, a censura e a repressão aqueles que iam contra o regime é satirizada nesta charge, pela linguagem verbal através dela podemos lançar a interpretação de que trata-se do período de redemocratização no país onde os militares abordavam que a repressão aos civis deveria ser “esquecida”, pois o período de redemocratização tratava-se de um novo momento na história, o processo de anistia daqueles que foram expulso do país, entregar a presidência a um novo civil, fazia parte dos objetivos desse processo

de redemocratização. O chargista aproveita para satirizar esse processo, através do resgate de memória daqueles que foram oprimidos pelo regime militar, através da tortura.

Tendo em vista que essa é uma das formas em que propomos para trazer uma discursam na melhoria do ensino de história, ressaltamos de que há outras formas de tornarem as aulas mais construtivas, como: (literatura, fotografias, filme, cordel, entre outros), não deixando apenas o professor, juntamente com o livro didático reproduzir conhecimentos, mas que o aluno possa ter uma visão crítica dos conteúdos de História. Contudo, as charges possuem uma dosagem cômica, crítica e irreverente em uma medida suficiente para colaborar com o ensino de História.

Pode-se concluir que o uso da charge em sala de aula é um poderoso aliado dos professores. A charge tem um grande aproveitamento, já que através do uso da iconografia juntamente com o humor que é um das características da charge, sem deixar de lado a criticidade que ela carrega que vai ser fundamental para o despertar do aluno para o ensino de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens invadem cada vez mais o nosso cotidiano, tornando impossível deixar de lado as possibilidades que oferecem no campo pedagógico e no cotidiano da sala de aula. Sabemos que as reflexões teóricas sobre a utilização da imagem ou sobre as iconografias ou ainda os trabalhos sobre a pedagogia do olhar, são ainda embrionários, e no caso da escola brasileira quase inexistente.

Percebemos que há na charge um grande potencial para ser utilizada em salas de aula, a “maioria dos estudantes”, rejeita a disciplina de História. São relatos na grande maioria dos professores e estagiários dessa disciplina, muitos deles colocam a História como “decoreba”, e não como uma ciência que se reflete a sociedade no passado aos dias atuais, observando os processos de rupturas e continuidades em que a História promove.

Por isso é necessário que os professores de História busquem conscientizar o seu aluno da importância que o conhecimento da história tem para ele, pois ele faz parte da história de uma sociedade. O uso da charge em sala de aula possibilitaria mais descontração, o que levaria o estudante a se interessar pelo conteúdo transmitido. Assim o professor tornaria suas aulas mais dinâmicas.

Compreendemos que há uma enorme dificuldade em utilizar esse tipo de recurso

já que são poucos os estudos ligados a essa temática. E que por algumas vezes não há como o professor utilizar a charge para determinado conteúdo, pois ela pode até existir, mas o seu acesso acaba dificultando o jogo entre o ensino e aprendizagem dos conteúdos de História. A outros problemas como o pouco tempo em que o professor tem para poder procurar, selecionar e analisar a charge para leva para sua turma, esse problema e devido alta jornada de trabalho que o professor se submete chegando a muitos deles a trabalharem os três turnos do dia.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes; São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

MENEZES, Gilda. **Como usar outras linguagens na sua sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: Balanço Provisório, Propostas Cautelares**. Revista Brasileira de História, vol 23, nº 45. Associação Nacional de História. São Paulo, Brasil, 2003.

NEVES, Joana. **Onde está a graça que eu não vi? o riso e a representação na história**. João Pessoa: Almeida, 1997.

PAIVA, Eduardo Augusto, **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RABAÇA, C.A & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1978.

SOUZA, Maria Bernadete Gomes de. **Humor Collor(rido): representações cômicas da Era Collor no Jornal da Paraíba (1989-1992)**. Campina Grande: UEPB, 2007.

SOUZA, M^a Lindaci G. de. O cômico, a ironia e a sátira: charges e cartuns no ensino de história. In: NETO, Martinho G. dos Santos (org.) **História ensinada: Linguagens e abordagens para sala de aula**. João Pessoa: Idéia, 2008.

_____. **Iconografia humorístico no ensino de História: modalidades de uso no cotidiano da sala de aula**. Tese de Doutorado em Educação, Natal: UFRN, 2004. (320 pp).